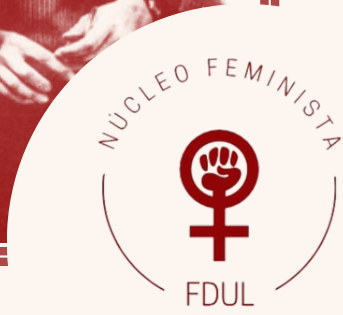




REVISTA

MULHERES DE ABRIL





MULHERES DE ABRIL

Índice

05 Madalena Marques dos Santos

11 Natália Correia

14 Maria Judite de Carvalho

17 Sophia de Mello Breyner

20 Catarina Eufémia

23 Aurora Rodrigues

26 Maria de Lourdes Pintasilgo

30 As Três Marias

31 Maria Velho da Costa

37 Maria Teresa Horta

42 Maria Isabel Barreno

45 A luta contra o colonialismo:
A participação das mulheres

48 Recomendações:
músicas e séries

49 Recomendações:
filmes e livros

50 Equipa



MULHERES DE ABRIL

I EDIÇÃO

O Núcleo Feminista FDUL apresenta a 1º edição da Revista Mulheres de Abril, aqui pretendemos dar a conhecer as Mulheres que lutaram contra a Ditadura Salazarista e pelo avanço dos Direitos das Mulheres desafiando o patriarcado e o regime instaurado.

Nesta edição damos destaque às escritoras que escreveram sobre o que é ser Mulher num regime opressivo e que tiveram os seus livros censurados e proibidos pela PIDE - as Mulheres que desafiaram o sistema e lutaram pelos seus Direitos.

Com o 25 de Abril e a instauração da Democracia as Mulheres conquistaram a liberdade, com o artigo da Professora Madalena Marques dos Santos ficarás a saber algumas mudanças legislativas nos Direitos das Mulheres.

Homenageamos Catarina Eufémia, morta pela PIDE enquanto estava grávida e com um filho nos braços - um símbolo da resistência antifascista em Portugal.

Trazemos o testemunho da Dra. Aurora Rodrigues, estudante de direito presa e torturada pela PIDE, representando uma das centenas de ativistas estudantis antifascistas e anticolonialistas.

Não nos esquecemos das Mulheres de Abril que lutavam pelo fim do colonialismo em África, onde participavam nos Movimentos Libertários e nas frentes da guerra e por isso trazemos uma pequena reflexão sobre o assunto.

Por fim, agrupámos algumas recomendações de filmes e séries sobre estas Mulheres de Abril e músicas de intervenção e livros escritos por Mulheres de forma a que possas conhecer e consumir mais cultura feminista nas suas variadas vertentes.

Esperemos que gostes e aguarda uma próxima edição!

MULHERES DE ABRIL



Madalena Marques dos Santos



PORQUE SOMOS E CONTINUAREMOS A SER MULHERES DE ABRIL?

Porque lutamos pelos nossos direitos ontem, hoje e no futuro!

Pergunto-me se as gerações de mulheres nascidas no pós 25 de Abril sabem que durante a ditadura fascista de Salazar em Portugal existia a realidade que *infra* descrevemos:

No trabalho:

As mulheres ganhavam menos cerca de 40% que os homens. A lei do contrato individual do trabalho permitia que o marido pudesse proibir a mulher de trabalhar fora de casa. Se a mulher exercesse actividades lucrativas sem o consentimento do marido, este podai rescindir o contrato. A mulher não podia exercer o comércio em autorização do marido. As mulheres não tinham acesso às seguintes carreiras profissionais: magistratura, diplomacia, militar e polícia. Certas profissões, por exemplo enfermeira, hospedeira do ar, implicavam a limitação de direitos como o direito de casar.

E como lutaram as mulheres pelo direito ao trabalho! A palavra às fontes:

“Basta citar que, segundo as estatísticas de 1948, de 530.339 sócios inscritos nos sindicatos do Continente 121.983 eram mulheres. Mais de 1 milhão e 200 mil mulheres trabalham na agricultura (Águeda de Oliveira), cerca de 200 mil na indústria; no comércio e seguros 28.040; no ensino, artes e ciências 20.339 e 21.038 empregam-se em actividades mal definidas. Ainda segundo dados «oficiais» de 1948 no campo e em indústrias como a têxtil, de conservas de chocolates e cacaus, de corte e de preparação de pele, as mulheres constituem a maioria do proletariado; noutras como a de cortiça, de tabaco, de lacticínios e de fósforos constituem mais de metade do proletariado e nas indústrias do papel e da borracha cerca de 50% do proletariado é feminino. Mesmo à luz de tais dados «oficiais» podemos ajuizar da enorme importância que a conquistadas massas trabalhadoras femininas representa para a evolução de toda a luta do nosso povo.(...)”

O Militante n.º 67, Abril de 1952, pp. 7-9.

PORQUE SOMOS E CONTINUAREMOS A SER MULHERES DE ABRIL?

Na família:

O único modelo de família aceite era através do casamento. A idade mínima para casar era aos 16 anos para os homens e 14 anos para a mulher. A mulher de acordo com o Código Civil podia ser repudiada pelo marido no caso de não ser virgem na altura do casamento. O casamento católico era indissolúvel. Existia a figura do chefe de família, ocupado pelo homem que detém o poder marital e paternal. Salvo casos excepcionais, o chefe de família era o administrador dos bens comuns do casal, dos bens próprios da mulher e bens dos filhos menores. O Código Civil determinava que: «*pertence à mulher durante a vida em comum, o governo doméstico*». Não eram reconhecidos os filhos fora do casamento, sendo considerados ilegítimos e não possuíam os mesmos direitos que os filhos nascidos do casamento. Mães solteiras não tinham qualquer proteção legal. A mulher tinha legalmente o domicílio do marido e era obrigada a residir com ele. O marido tinha o direito de abrir a correspondência da mulher. O Código Penal permitia ao marido matar a mulher em flagrante acto de adultério e a filha em flagrante corrupção, sofrendo apenas uma pena de desterro de seis meses. Até 1969, a mulher não podia viajar para o estrangeiro sem autorização do marido.

E as formas de Luta das mulheres continuam! A palavra às fontes:

MOBILIZEMOS AS MULHERES

Dos vários problemas que o Partido tem que resolver, um dos mais importantes é, sem dúvida, o problema da mobilização das mulheres. Pese todos os militantes que dizem que é impossível o trabalho entre estas, ele tem de ser realizado. A sua participação na luta do povo português contra o fascismo salazarista tem que ser conseguida custe o que custar. Ela não só é possível como provável, se soubermos encontrar as formas justas de as chamarmos à luta como nos mostra a experiência do último movimento da classe operária de Lisboa, a acção decidida das camponesas de Macinhata da Seixa, Ul, S. João, Trevões, etc., contra as exportações para o eixo e a falta de géneros; a valentia das camponesas de Vila Franca na luta contra o decreto fascista que condena os camponeses à fome; enfim a atitude desassombrada das mulheres nas «bichas» em todo o país.

PORQUE SOMOS E CONTINUAREMOS A SER MULHERES DE ABRIL?

Quando do movimento operário de Lisboa em Novembro é, em grande parte, devido à atitude decidida das mulheres que se deve o alastramento da greve, iniciada nas Construções Navais, às outras empresas da mesma área. O mesmo podemos dizer das operárias da Tabaqueira e da Fábrica Nacional de Cortiças (discos) referente à área do Poço do Bispo-Beato- Xabregas, a cuja participação na luta se deve à adesão doutras empresas, tais como: Magalhais, Nacional de Tabacos, etc. A participação activa das mulheres na luta fortalece e estimula a vontade de lutar nos trabalhadores, empresta à luta um carácter mais decidido, mais firme. O problema que se apresenta, pois, é que a sua participação na luta não apareça duma forma esporádica e ocasional, mas sim organizada.

(...)

O Militante n.º 21, Julho de 1943, pp. 3 e 6.

Vida Sexual e Reprodutiva:

Os médicos da Previdência não estavam autorizados a receitar contraceptivos orais, a não ser a título terapêutico. A mulher não tinha o direito de tomar contraceptivos contra a vontade do marido, pois este podia invocar o facto para fundamentar o pedido de divórcio ou separação judicial. A publicidade dos contraceptivos era proibida. A prática do aborto era punido em qualquer circunstância com pena de prisão de 2 a 8 anos. Estima-se que os abortos clandestinos tinham um número elevadíssimo de 100 mil por ano, sendo a terceira causa de morte materna. Cerca de 43% dos partos ocorriam em casa, 17% dos quais sem assistência médica. Muitos distritos não tinham maternidade.

PORQUE SOMOS E CONTINUAREMOS A SER MULHERES DE ABRIL?

Segurança social e equipamentos sociais:

O regime de previdência e de assistência social caracteriza-se por fraca cobertura de riscos e prestações sociais e um baixo nível de proteção social. Não existia pensão social, nem subsídio de desemprego. A pensão paga aos trabalhadores rurais era muito baixa e com diferenciação para mulheres e homens. Não existia pensão mínima. As mulheres, principalmente as idosas tinham uma situação muito desfavorável. Em 1973 existiam 16 creches oficiais e a totalidade, incluindo as particulares que cobravam elevadíssimas mensalidades, abrangia apenas 0,8% das crianças até aos 3 anos de idade. Não existiam escolas pré primárias públicas e as privadas cobriam apenas 35% das crianças dos 3 aos 6 anos de idade.

Direitos cívicos e políticos:

Até ao final da década de 60, as mulheres só podiam votar se fossem chefes de família e possuíssem curso médio ou superior. Em 1968 a lei estabelece a igualdade de voto para a Assembleia Nacional de todos os cidadãos que soubessem ler e escrever. O facto de existir uma elevadíssima taxa de analfabetismo em Portugal, em particular nas mulheres, determinou que em 1973 houvesse apenas 24% dos eleitores recenseados. No caso de as mulheres serem chefes de família, as mulheres apenas podiam votar para as Juntas de freguesia, tendo de apresentar atestado de idoneidade moral.

PORQUE SOMOS E CONTINUAREMOS A SER MULHERES DE ABRIL?

E como lutaram as Mulheres pelo direito ao voto! A palavra às fontes:

A BATALHA «ELEITORAL» NO NORTE. Algumas experiências e ensinamentos

Para nós comunistas, as «eleições» nunca foram um fim em si nem a participação na batalha eleitoral determinada por qualquer tipo de ilusões. (...) A acção das mulheres. Tiveram também as mulheres do Norte a sua participação na luta política neste período. Em Aveiro, saiu em Fevereiro de 1969 um manifesto, assinado por 30 mulheres, incitando à inscrição feminina no recenseamento e à participação na luta «eleitoral». A organização do 8 de Março no Porto, foi uma importante iniciativa das mulheres. No convívio efectuado nesse dia, estiveram cerca de 800 pessoas e no colóquio realizado à noite participaram muitas centenas de convivas. As listas de candidatos democráticos do Porto e de Braga tinham cada uma a participação de uma mulher. Em Viana do Castelo, efectuou-se uma reunião de 60 mulheres. Muitos foram os comícios em que as mulheres usaram da palavra ou presidiram. Em vários casos as mulheres fizeram parte das comissões responsáveis. No Porto, chegou a haver uma comissão feminina de apoio às candidaturas democráticas. É contudo uma importante deficiência que em todo este período, no plano orgânico, o movimento das mulheres não tenha conseguido criar uma base sólida para prosseguir, após o período «eleitoral», a luta pelas reivindicações específicas das mulheres portuguesas, pelas suas reivindicações democráticas, em estreita ligação com o movimento democrático no seu conjunto.

[p. 4]

O Militante, n.º 167, Junho de 1970, pp.1-10.

Estas e outras causas porque lutaram tantas e tantas mulheres, os legados de luta e de futuro que nos deixaram, o seu empenho na causa da libertação e emancipação das mulheres são exemplo, mas também e, sobretudo, um incentivo e estímulo para as inúmeras lutas que temos pela frente e que nos faz passar o testemunho: É pela luta e com a luta que se defendem, conquistam e alargam os nossos direitos.

Madalena Marques dos Santos

Natália Corveia



"Os meus heróis na vida real são os que desafiam a lei em nome de um ideal."



Biografia

Ativista política, Poeta, romancista, ensaísta, dramaturga, tradutora, jornalista, guionista e editora – **Natália Correia** nasce nos Açores a 13 de setembro de 1923, e estabelece-se em Lisboa aos 11 anos. Destacou-se enquanto personalidade da literatura portuguesa e, especialmente, na televisão após o 25 de abril, com o programa “Mátria”, no qual dava a conhecer o lado matriarcal da sociedade portuguesa e advogava por uma **nova ideia de feminismo – o matricismo**.

Para além da sua vasta obra literária e intelectual, Natália Correia deixou um **legado político** expressivo, nas suas intervenções na Assembleia da República (1980-1991) e nas **tertúlias** que organizava em sua casa, e mais tarde no bar **Botequim**, que se manteve palco de reunião de inúmeras caras do círculo intelectual português até aos anos oitenta. Tomou partido ativo nos **movimentos de oposição antifascista**, e durante a ditadura foi condenada a três anos de prisão, com pena suspensa, pela publicação da **Antologia da Poesia Erótica e Satírica** (1966), e processada pela responsabilidade editorial das **Novas Cartas Portuguesas**.

Mulher de convicções, combativa e defensora dos **direitos humanos** e dos **direitos das mulheres**, Natália Correia foi autora da célebre intervenção parlamentar num debate sobre o aborto, em 1982, em que cita o poema satírico que fez dirigido a João Morgado, deputado que afirmara que “o acto sexual é para ter filhos”.

Natália Correia recebeu, em 1991, o **Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores** pelo livro **Sonetos Românticos**. No mesmo ano foi-lhe atribuída a **Ordem da Liberdade**; era já detentora da Ordem de Santiago. Faleceu em Lisboa, no dia 16 de Março de 1993, deixando um vasto espólio literário que se encontra à guarda da Biblioteca Pública de Ponta Delgada e da Biblioteca Nacional de Lisboa.



A VERDADEIRA LITANIA PARA OS TEMPOS DE REVOLUÇÃO

“Burgueses somos nós todos
ó literatos
burgueses somos nós todos
ratos e gatos”

Mário Cesariny

Mário nós não somos todos burgueses
os ratos e os gatos se quiseres,
os literatos esses são franceses
e todos soletramos malmequeres.

Da vida o verbo intransitivo
não é burguês é ruim;
e eu que nas nuvens vivo
nuvens!o que direi de mim?

Burguês é esse menino extraordinário
que nasce todos os anos em Belém
e a poesia se não diz isto Mário
é burguesa também.

Burguês é o carro funerário.
Os mortos são naturalmente comunistas.
Nós não somos burgueses Mário
o que nós somos todos é sebastianistas.

Inéditosa, Antologia Poética

Natalia Correia



Maria Judite de Carvalho



"Detesto as boas donas de casa. Se são pobres, esfalfam-se a trabalhar, se são remediadas ou ricas arranjam uma ou mais pessoas para se esfalfarem em seu lugar. De qualquer dos modos são escravas do trabalho ou então da vigilância com outras escravas às suas ordens (...)"



Biografia

Nascida em 1921 em Lisboa, **Maria Judite de Carvalho** é uma figura marcante da literatura portuguesa. A sua obra possui um cariz profundamente **feminino**, centrando-se no universo interior das suas personagens e na experiência de ser **mulher**.

Foi criada por tias paternas após ficar órfã de mãe aos sete anos. Estudou no Colégio Feminino Francês e no Liceu Maria Amália. Licenciou-se em filologia germânica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e aí conheceu o seu marido, Urbano Tavares Rodrigues. Em 1949, este viu-se forçado a exilar, pois estava a ser perseguido pela PIDE, e Maria Judite foi com ele para França. Lá, envolveram-se com as **elites intelectuais portuguesas e francesas** da época. A proximidade de Maria Judite com o **movimento existencialista**, com o Nouveau Roman e a convivência com um dos grandes nomes da literatura feminista, **Simone de Beauvoir**, foram fatores que influenciaram a escrita que depois daria a conhecer ao mundo.

Ao longo da sua carreira, explorou várias formas literárias, com especial ênfase nas crónicas, que escreveu para vários jornais, bem como contos e novelas. Narrou de várias perspectivas a vivência feminina, em obras como **Tanta Gente**, **Mariana** (1959), **Flores ao Telefone** (1968) e **Seta Despedida** (1995). A sua escrita foi reconhecida e várias vezes galardoada, destacando-se o **Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco**, o **Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos Literários**, a **Ordem do Infante Dom Henrique** e o **Prémio Vergílio Ferreira**.

Mesmo sendo casada com uma figura célebre da literatura e apesar de manter uma postura discreta e silenciosa, nunca viveu na sombra do marido. Esta sua natureza mais fechada permitia-lhe utilizar a escrita de forma etérea para revelar um mundo interior rico ao leitor. Falecida em 1998, deixou um legado rico e uma vasta obra de destaque pela sua **qualidade e feminilidade**.



MULHER-A-DIAS

“Fui roubada a vida inteira, disse ela. Lembro-me vagamente (às vezes chego a pensar que foi um sonho), de uma mulher alta e alegre que me chamava menina, a sua menina, e me beijava. O desaparecimento dela foi o primeiro roubo de que fui vítima. Fiquei perdida no mundo. Claro que tudo cresce, mal, mas cresce. E eu cresci. Aos tombos, como é natural. E os tombos foram-se sucedendo. Roubaram-me a infância que não tive – sabe lá a idade com que comecei a trabalhar! – a casa, a família, a alegria de brincar e de aprender, a escola, o amor, pois claro. Até a recordação do primeiro namorado. Porque o primeiro (primeiro e único), deixou-me um filho. Aos dezassete anos e com um filho. O namorado, este desapareceu em três tempos. Não queria sarilhos, está bem de ver. E desejava ser alguém, já não sei em quê mas era numa coisa de desporto. Talvez fosse correr ou andar de bicicleta, como é possível que eu me lembre? Às vezes quando ouço no rádio o nome de tipos que ganham coisas, fico à espera de ouvir o nome dele. Por nada. Curiosidade. Até gostava que... Mas nunca ouvi. Não deve ter conseguido o que queria, coitado.

Não, não lhe quero mal, até porque a única coisa que não me roubaram, foi esse filho que é só meu. É tão bom rapazinho, é tão meu amigo. Dá-me tudo quanto ganha... Que eu também me mato a trabalhar a dias. Estuda à noite, sabe? Quer subir na vida e há-de subir, tenho a certeza. Se não fosse essa certeza que tenho, se não fosse isso... Casa? Casa nunca tive nem terei. Vivo com o pequeno num quarto, como havia de ser?

Não, nunca me casei nem pensei mais nisso. Aquele, o desportista bastou.

Revista Mulheres, nº6, Outubro 1978

Maria Judite de Carvalho



Sophia de Mello Breyner



"A poesia é a nossa mais íntima implicação, na realidade ela é por si mesma compromisso e participação. O poeta não vem apenas contar e cantar o mundo. Vem também modificá-lo."



Biografia

Nascida a 6 de novembro de 1919 na cidade do Porto, **Sophia de Mello Breyner** viria a ser uma das maiores poetisas de Portugal, tendo sido a **primeira mulher** a receber o **Prémio Camões**, e ainda uma figura significativa no combate ao regime do Estado Novo.

Sophia Breyner realizou o ensino primário e secundário no Colégio de Nossa Senhora do Rosário. Sendo considerada desde a sua infância como uma pessoa “rebelde e muito independente e que gostava de ter a sua própria cultura, de ser autodidata”, onde o gosto pela leitura e escritura adveio de uma grande influência por parte da mãe. Posteriormente, estudou Filosofia Clássica na Universidade de Lisboa, sendo que nessa época já demonstrava o seu **espírito progressista** ao participar em **movimentos universitários**.

Publicou os seus primeiros versos nos *Cadernos de Poesia*, em 1940, onde já se tomava a perceção de que a grande inspiração da poetisa era a natureza e a observação da realidade. O seu primeiro livro tem o título de *Poesia*, tendo sido lançado em 1944, mas o livro que causou mais polémica foram os *Contos Exemplares*, datado de 1962, pois muitos dos contos foram vistos como uma sátira ao regime salazarista e à posição das mulheres no mesmo, criticando a forma como a mulher tinha de protagonizar inúmeras facetas de forma perfeita perante a sociedade. Sophia nunca chegou a ser presa pela PIDE, mas foi interrogada algumas vezes e foi impedida de viajar, tendo a casa da mesma sido revistada várias vezes. Dois dos maiores poemas contra o regime em causa encontram-se no *Livro Sexto*, sendo estes *O Velho Abutre* e as *Pessoas Sensíveis*.

Sophia pertenceu aos movimentos católicos que contestaram a guerra e a repressão do regime, foi também fundadora da **Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos**, em 1969, que dava apoio às famílias dos presos políticos e publicaram as condições em que os mesmos viviam. Após a revolução foi eleita para a Assembleia Constituinte em 1975.

Foi uma Mulher que lutou contra um regime opressor, essencialmente através da sua escrita, deixando a sua marca na **poesia portuguesa** e na luta pela **liberdade e igualdade de género**.



CATARINA EUFÉMIA

O primeiro tema da reflexão
grega é a justiça
E eu penso nesse instante em
que ficaste exposta
Estavas grávida porém não
recuaste
Porque a tua lição é esta: fazer
frente
Pois não deste homem por ti
E não ficaste em casa a cozinhar
intrigas
Segundo o antiquíssimo método
obíquo das mulheres
Nem usaste de manobra ou de
calúnia
E não serviste apenas para chorar
os mortos
Tinha chegado o tempo
Em que era preciso que alguém
não recuasse
E a terra bebeu um sangue duas
vezes puro
Porque eras a mulher e não
somente a fêmea
Eras a inocência frontal que não
recua
Antígona poisou a sua mão sobre
o teu ombro no instante em que
morreste
E a busca da justiça continua

Sophia de Mello Breyner



Catarina Eufémia



Design: Rita Dias

Catarina Efigénia Sabino Eufémia nasceu em Baleizão, no Alentejo, a 13 de Fevereiro de 1928. Era uma ceifeira pobre e quase analfabeta que, durante uma greve de catorze mulheres assalariadas rurais, a 19 de Maio de 1954, foi assassinada a tiro por um tenente da Guarda Nacional Republicana. Tinha 26 anos, três filhos, um dos quais de oito meses (ao seu colo quando foi baleada) e estava grávida de um quarto. Catarina Eufémia tornou-se, assim, um símbolo da luta dos trabalhadores, das mulheres e da brutalidade e violência do Estado Novo.

Na época, no começo das ceifas do trigo, os trabalhadores da zona do Baleizão entram em luta por melhores jornas, sendo que em maio de 1954 os mesmos fizeram greve. Não obstante os protestos destes trabalhadores, nomeadamente em casos da realização de greves, como as verificadas no Baleizão, havia necessidade de mão-de-obra, o que tornava frequente o recurso, pelos proprietários, a assalariados vindos de outros pontos do Alentejo, das Beiras ou do Algarve que aceitavam fazer o mesmo trabalho por uma jorna mais baixa.

Com isto, no dia 19 de maio de 1954, os trabalhadores de Baleizão procuraram convencer os trabalhadores rurais que vinham de outros locais a recusar o trabalho e aderir também à greve. Perante este cenário, a GNR intervém para desmobilizar a multidão que se concentrara e pressiona os trabalhadores a regressar ao trabalho, porém isto só serviu para que a manifestação protestasse com mais intensidade, levando a que alguns assalariados rurais fizessem frente aos elementos da polícia. Perante este clima, um grupo de cerca quinze mulheres move-se em direção aos trabalhadores que eram de outros locais, porém tal grupo é intercetado pelo tenente Carrajola, que primeiramente dispara para o ar e, de seguida, interpela e agride Catarina Eufémia, que cai ao chão com um filho ao colo. Logo após, o mesmo dispara três vezes contra Catarina Eufémia, que acaba por morrer.

A aldeia do Baleizão é ocupada pela GNR e decretado o recolher obrigatório. Não obstante, as autoridades terem antecipado o funeral, não conseguiram evitar os movimentos populares que protestavam indignados, estes foram violentamente reprimidos pelas forças policiais, que nos dias seguintes prendem alguns dos manifestantes.

O caixão de Catarina Eufémia foi levado, não para o cemitério de Baleixão, como era previsto, mas para a freguesia de Quintos (a 10km de distância), sob escolta policial e de forma célere. Só após a Revolução de 25 de Abril de 1974, é que os restos mortais de Catarina Eufémia seriam finalmente trasladados para Baleizão. O tenente Carrajola, responsável pela morte, foi transferido e nunca sofreu qualquer consequência legal pelo assassinato.

O panal era branco em rendas de suor, como a cal que a Ti Liberta fervia no azado, ao fundo da rua do monte. O ervaçal no empedrado. O monte era o rumo dos dias nas tardes calmosas. Deixava a tarimba ao luzir do buraco, enquanto o cão ansiava a bôla de farelo, impaciente. A cauda do animal agitava-se na cadência dos passos da mulher.

O patrão podia aparecer a qualquer hora. O cereal amassado a crescer. O forno em labaredas de coração apaixonado na metáfora do escritor.

— Bom dia, Ti Liberta, já soube da desgraça?

-Oh! home, o que dizes tu?

O olhar da mulher fraquejou, começou a toldar-se, fundindo-se na sombra da azinheira solitária que o artista empresta à tela camponesa as tuas mãos em gesto ritmado no movimento da foice as paveias soam a queixume de quem implora o pão

..hás de fazer do teu lenço vermelho a única bandeira viva sobre a terra...

Sim, a desgraça, ti Liberta. Ela caiu. Ali mesmo.

Entre a terra e o céu. Lá. Pelo Maio calmoso das aceifas escureceu o sol tardiamente, beijando-lhe a face pela última vez. Lá. Onde a imensidão. Vagueiam gestos ousados em lágrimas de sangue da mulher.

O cereal amassado a crescer. O forno em labaredas de ódio no retrato da tirania.

Ti Liberta, abra os olhos.

Já faz tempo que a ceifeira, na voz de todas as ceifeiras, deixou rolar a foice entre o trigal, desesperada. Foi por mor do acrescento de uns tostões à jorna.

Ficou tamanho eco no infinito da gente que lutou até à exaustão.

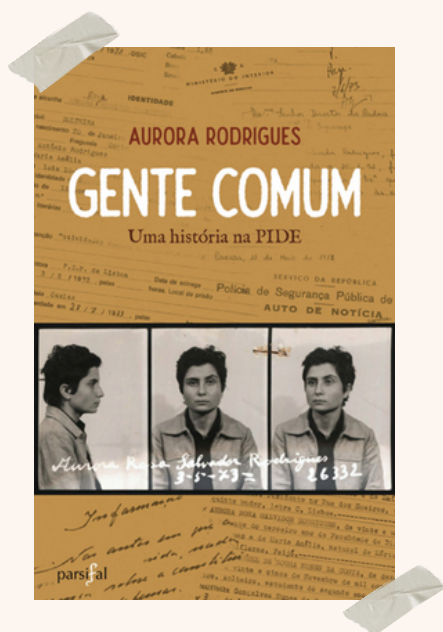
A tua foice, Catarina.

Alentejo, vestimos os teus panos. Tu matas-nos a sede.

Aurora Rodrigues



"«Prenderam-me o corpo» (...) Eles prenderam-me fisicamente, não prenderam mais nada. E ter a noção disso, a partir de certa altura dá outra força e o poder parece que se altera, o poder deixa de ser deles."



UMA JOVEM EM DIREITO, ANTES DE ABRIL DE 1974

Entrei na Faculdade de Direito de Lisboa no mês de Outubro de 1969, vinda directamente do Liceu de Beja.

Tinha 17 anos e Lisboa era uma descoberta. As duas primeiras coisas que fiz quando me vi sozinha, foi comprar um maço de cigarros, cuja marca esqueci, e um livro de Ary dos Santos. Foi a transgressão possível. Porém, só gostei do livro, o fumo do cigarro engasgava-me.

Beja era uma cidade muito interior e controlada. O Liceu era pequeno, tacanho e muito vigiado também. Tinha poucos alunos no secundário e, por esse motivo, as turmas eram mistas, mas os recreios eram separados, rapazes para um lado, raparigas para outro.

Os alunos e alunas do secundário estavam sujeitos a fiscalização da PIDE – à partida eram uma minoria mais “intelectual” e alguns podiam ter ideias.

Tanto que assim é, que o chefe de secretaria do Liceu Diogo de Gouveia, em Beja, enviava para a PIDE a lista de alunos do 6º e 7º anos (actuais 10º, 11º/12º). Encontrei essas listas, “para os fins tidos por convenientes” no meu processo da PIDE, actualmente na Torre do Tombo.

As raparigas tinham aulas de “encontros de moral”, “economia doméstica”, “puericultura”, os rapazes, não. As raparigas tinham uniforme (bata branca, com gola de cor variável, consoante o ano). Os rapazes não. As raparigas não podiam usar calças e a saia era rigorosamente pelo joelho.

Em Lisboa não tinha uniforme, podia usar mini-saia e calças e podia ir ao cinema.

Na Faculdade, tal como tinha acontecido no Liceu, nas aulas de pouco se falava, para além dos programas oficiais. O objectivo era a alienação e a mentalização para a dita “pureza” do Direito e a sua aplicação cega, acrítica, dogmática, que serviria o regime colonial fascista, que era aquilo para que estávamos a ser preparados e se esperava que viéssemos a ser – servidores do regime.

Em contrapartida, quando ainda estava em Beja, consegui ler muito, através de um círculo de leitura de jovens rapazes, na qual entrava através de um deles, sem que os outros soubessem. Aquelas leituras não se destinavam a raparigas.

UMA JOVEM EM DIREITO, ANTES DE ABRIL DE 1974

Devorei tudo, a guerra do Vietnam, guerra do imperialismo americano, que então decorria, em tudo semelhante à guerra colonial portuguesa, escritores banidos, literatura russa, desconstrução, a partir da análise histórica, da religião católica, do racismo, do fascismo, alguma poesia. Li muito. Quando cheguei à Faculdade era anti-fascista, anti-colonialista e distante de qualquer crença ou prática religiosa. Em virtude do meu amor aos livros, descobri a Livrelco, Cooperativa Livreira Universitária, em Entrecampos..

Em Lisboa, era fora das aulas, nos corredores, na associação, no bar, nos cafés, na cantina, na Livrelco, quedebatíamos, que aprendia. Aproveitei o primeiro ano para conhecer e interpretar o que me rodeava, o espaço, os colegas, as ideias e para procurar os que tinham a ver comigo.

Encontrei-os. Era um grupo que falava contra a guerra colonial, radicalmente contra o fascismo, sem conciliações ou transigências. Havia o José António Ribeiro Santos, o João Isidro, o José Galamba de Oliveira, o Pedro Palhinha e muitos outros.

Era a linha estudantil “Ousar Lutar, Ousar Vencer” e, nessa linha, eu era uma activista estudantil.

Entretanto, tinha sido encerrada a Associação Académica, foi encerrada a Livrelco e o ministro Veiga Simão tinha introduzido os “gorilas” na Faculdade, a que chamou vigilantes. Eram uns brutamontes, ex-militares que nos controlavam e agrediam dentro da academia.

No dia 12 de Outubro de 1972, em Económicas, um agente da PIDE assassinou José António Ribeiro Santos, ao meu lado.

Desde então, e nessa mesma noite, passei a integrar o movimento partidário a que ele pertencia, a Federação dos Estudantes Marxistas-Leninistas, secção estudantil do MRPP, disposta a fazer tudo o que fosse preciso e estivesse ao meu alcance para derrubar o fascismo e acabar com a guerra. Até aí, não fazia mais nada. A arma era apenas a palavra, mas eram muitas as que gritava nas manifestações e pintava nas paredes. Alguém teria de acordar e muita gente acordou.

Tudo fervilhava, não era uma crise académica, era o estrondo da queda dentro da academia e fora dela.

Fui presa em 1973 e continuei. Não cedi porque tinha vencido o medo.

Aurora Rodrigues

Maria de Lourdes Pintassilgo



"A mulher que se diz no singular refere-se a um destino que é sempre plural e nesse plural reconhece-se cada caso singular."



Biografia

Maria de Lourdes Pintasilgo, figura marcante na política portuguesa, foi a **primeira mulher**, e única, a ser **Primeira-Ministra** em Portugal, ocupando tal cargo no V Governo Constitucional, sendo a segunda mulher a desempenhar tal cargo na Europa. Mas marcou a política em inúmeras vertentes, tendo lutado pelos Direitos das Mulheres.

Licenciada em Engenharia Químico-Industrial, no Instituto Superior Técnico de Lisboa, Maria Pintasilgo foi uma das quatro mulheres que faziam parte da sua turma. Na década de 50 foi Presidente da Juventude Universitária Católica Feminina e Dirigente da Pax Romana – Movimento Internacional de Estudantes Católicas. A nível político, após a Revolução de 74, ocupou vários cargos, tais como: Secretária de Estado da Segurança Social do I Governo Provisório, em 1974 e Ministra dos Assuntos Sociais dos II e III Governos Provisórios, de 1974-1975, sendo que foi neste cargo que criou a Comissão da Condição Feminina. Foi a **primeira mulher a ser Primeira-Ministra em Portugal**, e até hoje, a única. Também foi a **primeira mulher** a candidatar-se à Presidência da República em 1986, e embora não tenha sido eleita continuou envolvida na política. Foi deputada independente, integrada no Grupo Socialista, no Parlamento Europeu. A âmbito internacional foi Delegada Permanente de Portugal na UNESCO, de 1975-1981, e foi membra do Conselho da Universidade das Nações Unidas, a partir de 1983.

Deixou a sua marca no **movimento feminista** em diversos momentos da sua vida. Em 1970 foi nomeada Presidente do **Grupo de Trabalho para a Participação da Mulher na Vida Económica e Social**, aquele que viria a ser a influência para a criação da **Comissão da Condição Feminina**. Neste âmbito é feito o primeiro levantamento das discriminações entre mulheres e homens, onde consequentemente, foram feitas várias propostas para alterações a nível laboral e no direito da família. Também em 1973 foi nomeada presidente da **Comissão para a Política Social Relativa à Mulher**.

O seu percurso no **feminismo** não se pautou apenas pela política, Maria Pintasilgo também detém obras publicadas. Em 1981 lançou a obra *Os novos feminismos: interrogação para os cristãos*, onde fala sobre a condição geral da mulher, e em 1984 na Separata de Igreja e Missão, lança *O Graal*. Além disso, prefaciou a segunda edição das *Novas Cartas Portuguesas*, em 1974, e de semelhante forma, prefaciou *A Mulher – Bibliografia Portuguesa Anotada*, de Maria Regina Tavares da Silva, em 1999.

PARA ALÉM DA IGUALDADE: A OPÇÃO PELA DIFERENÇA

Então e a cultura feminina?

Não podemos menosprezar o facto de que a maioria das acções e decisões respeitantes às mulheres tomadas a nível nacional e internacional nos últimos 20 anos aceitaram a cultura política tal como esta era entendida: instituições/eleições/carreiras. O objectivo principal era a igualdade com os homens na gestão da vida política; desta forma por desafiar.

Não era apenas a aceitação das tradições, das diferenças estabelecidas, de todos os passos que levaram à injustiça e indiferença generalizadas face aos povos. Eram também as próprias regras da gestão política. A política é na prática um dos mais simplificados sistemas que se pode imaginar. Diferentes áreas da tomada de decisão política estão desconectadas, separadas, cada ministro lida com um único aspecto da vida como se outros não existissem.

Naturalmente, era importante que as mulheres participassem em todos os níveis de poder político. Acabavam os territórios proibidos, começava o caminho para uma mais justa distribuição das funções sociais entre os diferentes grupos na sociedade.

Gradualmente, algumas mulheres começaram a perceber que a sua presença era relevante na medida em que marcava uma diferença.

A separação do pensamento político,
a mistificação da acção política,
a aceitação das injustiças e da exclusão sob o disfarce do pragmatismo distorcido,
a submissão da política à economia,
a retórica pomposa da classe política,
as ligações dúbias com os meios de comunicação social (tão bem ilustrado na série televisiva “Sim, Sr. Ministro”),
a crescente disparidade entre os ricos e por isso autoproclamados poderosos,
a parafernália que envolve as funções políticas,



PARA ALÉM DA IGUALDADE: A OPÇÃO PELA DIFERENÇA

São tudo marcas que nada têm em comum com a cultura feminina, mesmo quando são as mulheres as suas promotoras.

As regras do funcionamento interno das instituições políticas, com os seus dogmas, códigos e liturgias, são o resultado de um único padrão, que traz a marca do masculino.

Sempre que as mulheres aceitam este tipo de cultura política, estão a reforçar o status quo, a dar um alibi a todos quantos querem que as mulheres estejam presentes em todo o lado com uma condição: que as coisas possam continuar como estão!

Para mais, a experiência demonstrou que muito frequentemente, para poderem funcionar em termos de igualdade com os homens, as mulheres são forçadas a assimilar os valores culturais e os códigos de comportamento masculino que dominam o espaço público.

O acesso ao poder político é frequentemente obtido à custa do silenciamento por parte das mulheres das suas próprias atitudes e maneiras de ser, pensar e fazer, da sua própria cultura.

Aqueles que advogam pela diferença denunciam os efeitos perversos de uma igualdade que reduz a final a contribuição feminina no campo político.

(...) é da maior importância nesta conjuntura. Novos ingredientes, novas abordagens, novos sistemas de pensar são necessários, dizemos. A cultura feminina possibilita já novos ingredientes e abordagens. Está provavelmente a caminho de fornecer novos sistemas de pensar.

Acima de tudo a diferença expressa-se na ligação entre os problemas, as pessoas, os sectores de tomada de decisão. As mulheres connexionam e connexionam, e porque connexionam, elas inventam.

In Cultura Política e Cultura das Mulheres (Sinais para o próximo milénio)
Bristol, 5 de Setembro de 1991

Maria de Lourdes Pintasilgo



AS TRÊS MARIAS



Maria Velho da Costa



"Os regimes totalitários sabem que a palavra e o seu cume de fulgor, a literatura e a poesia, são um perigo. Por isso queimam, ignoram e analfabetizam, o que vem dar à mesma atrofia do espírito, mais pobreza na pobreza."



Biografia

Maria Velho da Costa, coautora da monumental obra **Novas Cartas Portuguesas**, obra literária que denunciava a repressão e censura do Estado fascista que exaltava a condição política, social e económica da mulher, nasceu a 26 de junho de 1938, em Lisboa.

Licenciada em filologia germânica pela Universidade de Lisboa, tirou também o curso de Grupo-Análise na Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Neurologia. Destacou-se, em primeiro lugar, pela sua vasta e diversa **obra literária**. Literariamente, insere-se na corrente da década 60 de experimentalismo linguístico, sendo ela conhecida pelo “virtuosismo único” com que manuseia a língua, relacionando obras literárias portuguesas tradicionais desde a idade média até a contemporaneidade. À sua riqueza vocabular e linguística, Maria Velho da Costa associou sempre temas como o da **intimidade infantil**, o da **linguagem afetividade** e o da **condição feminina**.

A escritora está por detrás de alguns dos mais importantes romances contemporâneos portugueses, como **Maina Mendes** (1969), **Casas Pardas** (1977), ou **Missa in Albis** (1988), bem como por várias obras de prosa poética, contos, crónicas, análise social e, mais recentemente, teatro. Foi, para além de escritora sem igual, a única mulher que presidiu à direção da **Associação Portuguesa de Escritores** (que, mais tarde, em 2013, a distinguiu com o Prémio Vida Literária) de 1973 a 1978, assim como leitora do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros do King's College, na Universidade de Londres. Já num Portugal pós 25 de Abril, a autora foi encarregue pelo Estado Português de exercer as funções de adjunta do secretário de Estado da Cultura e adida cultural em Cabo Verde; assim como foi professora de português e de inglês.

Pelo papel que desempenhou a revolucionar a ficção portuguesa, abordando temas da maior importância para um país que procurava libertar-se de um estado opressor, a escritora recebeu prémios de destaque, como o **Prémio Camões** em 2002 e o **Prémio Virgílio Ferreira** em 1997.

Maria Velho da Costa deixou-nos a 23 de maio de 2020, com 81 anos.

MULHERES E REVOLUÇÃO

Elas vão à parteira que lhes diz que já vai adiantado. Elas alargam o cós das saias. Elas choram a vomitar na pia. Elas limpam a pia. Elas talham cueiros. Elas passam fitilhos de seda no melhor babeiro. Elas andam descalças que os pés já não cabem no calçado. Elas urram. Elas untam o mamilo gretado com um dedal de manteiga. Elas cantam baixinho a meio da noite a niná-lo para que o homem não acorde. Elas raspam as fezes das fraldas com uma colher romba. Elas lavam. Elas carregam ao colo. Elas tiram o peito para fora debaixo de um sobreiro. Elas apuram o ouvido no escuro para ver se a gaiata na cama ao lado com os irmãos não dá por aquilo. Elas assoam. Elas lavam joelhos com água morna. Elas cortam calções e bibes de riscado. Elas mordem os beiços e torcem as mãos, a jorna perdida se o febrão não desce. Elas lavam os lençóis com urina. Elas abrem a risca do cabelo, elas entrançam. Elas compram a lousa e o lápis e a pasta de cartão. Elas limpam rabos. Elas guardam uma madeixita entre dois trapos de gaze. Elas talham um vestido de fioco para uma boneca de papelão escondida debaixo da cama. Elas lavam as cuecas borradas do primeiro sémen, do primeiro salário, da recruta. Elas pedem fiado popeline da melhor para a camisa que hão-de levar para a França, para Lisboa. Elas vão à estação chorosas. Elas vêm trazer um borrego à primeira barraca e ao primeiro neto. Elas poupam no eléctrico para um carrinho de corda.

Coisas que elas dizem:

- Se mexes aí, corto-ta.
- Isso não são coisas de menina.
- O meu homem não quer.
- Estuda, que se tiveres um empregozinho sempre é uma ajuda.
- A mulher quer-se é em casa.
- Isto já vai do destino de cada um.
- Deus não quiz.
- Mas o senhor padre disse-me que assim.
- Dá um beijinho à senhora que é tão boazinha para a gente.
- Você sabe que eu não sou dessas.



MULHERES E REVOLUÇÃO

- Estás a dar cabo do teu futuro com uns e com outros.
- Deixa-te disso, o que é preciso é sossego e paz de espírito.
- Comprei uns jeans bestiais, pá.
- Sempre dá para uma televisão daquelas novas.
- Cada um no seu lugar.
- Julgas que ele depois casa contigo?
- Sempre há-de haver pobres e ricos.
- Se tu gostasses de mim não andavas com aquela cabra a gastar o nosso.
- Põe o comer ao teu irmão que está a fazer os trabalhos.
- Sempre é homem.

Elas olham para o espelho muito tempo. Elas choram. Elas suspiram por um rapaz aloirado, por duas travessas para o cabelo cravejadas de pedrinhas, um anel com pérola. Elas limpam com algodão húmido as dobras da vagina da menina pensando, coitadinha. Elas escondem os panos sujos de sangue carregadas de uma grande tristeza sem razão. Elas sonham três noites a fio com um homem que só viram de relance à porta do café. Elas trazem no saco das compras uma pequena caixa de plástico que serve para pintar a borda dos olhos de azul. Elas inventam histórias de comadres como quem aventura. Elas compram às escondidas cadernos de romances em fotografias. Elas namoram muito. Elas namoram pouco. Elas não dormem a pensar em pequenas cortinas com folhos. Elas arrancam os primeiros cabelos brancos com uma pinça comprada na drogaria. Elas gritam a despropósito e agarram-se aos filhos acabados de sovar. Elas andam na vida sem a mãe saber, por mais três vestidos e um par de botas. Elas pagam a letra da moto ao que lhes bate. Elas não falam dessas coisas. Elas chamam de noite nomes que não vêm. Elas ficam absortas com a mola da roupa entre os dentes a olhar o gato sentado no telhado entre as sardinheiras. Elas queriam outra coisa.



MULHERES E REVOLUÇÃO

Elas fizeram greves de braços caídos. Elas brigaram em casa para ir ao sindicato e à junta. Elas gritaram à vizinha que era fascista. Elas souberam dizer salário igual e creches e cantinas. Elas vieram para a rua de encarnado. Elas foram pedir para ali uma estrada de alcatrão e canos de água. Elas gritaram muito. Elas encheram as ruas de cravos. Elas disseram à mãe e à sogra que isso era dantes. Elas trouxeram alento e sopa aos quartéis e à rua. Elas foram para as portas de armas com os filhos ao colo. Elas ouviram falar de uma grande mudança que ia entrar pelas casas. Elas choraram no cais agarradas aos filhos que vinham da guerra. Elas choraram de ver o pai a guerrear com o filho. Elas tiveram medo e foram e não foram. Elas aprenderam a mexer nos livros de contas e nas alfaias das herdades abandonadas. Elas dobraram em quatro um papel que levava dentro urna cruzinha laboriosa. Elas sentaram-se a falar à roda de uma mesa a ver como podia ser sem os patrões. Elas levantaram o braço nas grandes assembleias. Elas costuraram bandeiras e bordaram a fio amarelo pequenas foices e martelos. Elas disseram à mãe, segure-me aqui os cachopos, senhora, que a gente vai de camioneta a Lisboa dizer-lhes como é. Elas vieram dos arrebaldes com o fogão à cabeça ocupar uma parte de casa fechada. Elas estenderam roupa a cantar, com as armas que temos na mão. Elas diziam tu às pessoas com estudos e aos outros homens. Elas iam e não sabiam para aonde, mas que iam. Elas acendem o lume. Elas cortam o pão e aquecem o café esfriado. São elas que acordam pela manhã as bestas, os homens e as crianças adormecidas.

Cravo (1976)

Maria Velho da Costa



dom se bastião

Todas as coisas revêm a seu
termos
se mantido o começo
o seu (de cada uma) pedúnculo,
sinal; fiel a si só quem outrem
ladeia
no recreio de achá-lo só contíguo
ao desejado, o longes,
desfeitos assim lios, tramas
(ter, ter, só do engano e não da
jorna).

Que, sob a mesma traça,
mão que desenhe o sacro de seu
nome
praça de si condigna queira
e laude como, à ida,
e perseguindo a encoberta
desavinda vinda,
a pele lhe não foi raias de mortal.

Onde achar paradoro do ir indo
que as mesmas vascas agasalhe
e cumpra?

O olhar permutado, a líquida
juntura
não congelada porque bem
fugida,
o integral dum sim já denegado,
o tão de si senhor que em
desistir-se tento tenha
e embrumado (nunca por nunca
certo)
vagueie um solidíssimo ficar?

Conjugar montaria sem
quebreiras
no quadrado de cama jugulada,
(a terra em trevas);
amar redondo (em giração) e a
eito;
casal que por fendido
a casa casta aberta e hoste
rotornante
pátria dos pés crescentes
caminheiros faça.

Maria Velho da Costa



Maria Teresa Novta



"Se a gente aceita o medo não há nada a fazer. Somos um farrapo. Somos aquilo que eles querem, uns fantasmas, umas marionetas nas mãos deles."



Biografia

Maria Teresa Horta nasceu em Lisboa, no dia 20 de maio de 1937. Frequentou o Liceu D. Filipa de Lencastre e a Faculdade de Letras. Tornou-se uma escritora, poetisa e jornalista, passando a ser vista como um expoente do Feminismo em Portugal. Estreou-se na poesia em 1960, a sua obra poética foi coligida em *“Poesia Reunida”* obra que lhe valeu o Prémio Máxima Vida Literária.

Militante feminista, Maria Teresa Horta foi perseguida pela PIDE com livros censurados. Sendo que é na sequência do escândalo provocado pela obra *“Minha Senhora de Mim”*, que surge *“Novas Cartas Portuguesas”*, escrito a três mãos, que mobilizou a opinião pública contra o Estado Novo. Em 1971, Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, conhecidas como as “Três Marias”, começaram a trocar aquelas que seriam as *“Novas Cartas Portuguesas”*. Os textos são individuais, porém as autoras abdicaram de os assinar, mantendo-se até hoje o seu anonimato, um pacto que nunca quebraram.

Teresa Horta também fez parte do grupo *Poesia 61*, uma revista formada por cinco jovens poetas portuguesas, em 1961. Para além disso, publicou diversos textos em jornais como O Século, República, Diário de Notícias, A Capital, sendo que neste último liderou o suplemento Literatura e Arte, por onde passaram grandes nomes da literatura portuguesa como Ary dos Santos, Natália Correia e José Saramago. Chefiou a redação da revista *Mulheres* a convite do Partido comunista, da qual foi militante por 14 anos.

Em 2004, foi condecorada com o grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, pelo Presidente da República à época, Jorge Sampaio. Em 2011, foi galardoada com o Prémio D. Dinis da Fundação Casa de Mateus pela sua obra *“As Luzes de Leonor”*. No mesmo ano também ganhou o Prémio Máxima de Literatura pela mesma obra.



ANJOS MULHERES - VI

As mulheres voam
como os anjos:
Com as suas asas feitas
de cristal de rocha da memória

Disponíveis
para voar

soltas...

Primeiro
lentamente: uma por uma

Depois,
iguais aos passaros

fundas...

Nadando,
juntas

Secreta: a rasar o
chão

a rasar a fenda
da lua

no menstruo:
por entre a fenda das pernas

Às vezes é o aço
que se prende
na luz

A dobrarmos o espaço?

Bruxas:
pomos asas em vassouras
de vento

E voamos

Como as asas
lhe cresciam nas coxas

diziam dela:
que era um anjo do mar

Rondo alto,
postas em nudez de ombros
e pernas

perseguido,

pelos espaços,
lunares
da menstruação

e corpo desavindo

Não somos violencia
mas o voo

quando nadamos
de costas pelo vento

até à foz do tempo
no oceano denso
da nossa própria voz

Sabemos distinguir
a dormir
os anjos das rosas voadoras

pelo tacto?

Somos os anjos
do destino

ANJOS MULHERES - VI

com a alma
pelo avesso
do útero

Voamos a lua
menstruadas

Os homens gritam:
– são as bruxas

As mulheres pensam:
– são os anjos

As crianças dizem:
– são as fadas

Fadas?

filigrama cintilante
de asas volteando
no fundo da vagina

Nadamos?

De costas,
no espaço deste século

Mudar o rumo
e as pernas mais ao
fundo

portas por trás
dobradas pelos rins

Abrindo o ar
com o corpo num só golpe

Soltas,
viando
até chegar ao fim

Dizem-nos:
que nos limitemos ao espaço

Mas nós voamos
também
debaixo de água

Nós somos os anjos
deste tempo

Astronautas,
voando na memória
nas galáxias do vento...

Temos um pacto
com aquilo que
voa

– as aves
da poesia

– os anjos
do sexo

– o orgasmo
dos sonhos

Não há nada
que a nossa voz não abra

Nós somos as bruxas da palavra

Maria Teresa Horta

MINHA SENHORA DE MIM

Comigo me desavim
minha senhora
de mim

sem ser dor ou ser cansaço
nem o corpo que disfarço

Comigo me desavim
minha senhora
de mim

nunca dizendo comigo
o amigo nos meus braços

Comigo me desavim
minha senhora
de mim

recusando o que é desfeito
no interior do meu peito

Maria Teresa Horta



Maria
Isabel Barvens



"A libertação dum peso que nos esmagava, essa é a primeira sensação que recordo do 25 de Abril (...) É indescritível a alegria desses dias, dessas semanas, desses meses"



Biografia

Nascida e criada em Lisboa, **Maria Isabel Barreno**, é um símbolo de **resistência** e de **luta** contra o regime do Estado Novo e contra a desigualdade de gênero, é uma das coautoras das *Novas Cartas Portuguesas* que, posteriormente, deu azo ao famoso “Caso das Três Marias”.

Desde cedo tomou o gosto pela leitura e já aos 11 anos escrevia os seus primeiros versos, mas o seu desempenho pela escrita veio a público através da sua prosa e dos seus romances, sendo que o primeiro livro que a autora lançou foi o *De Noite as Árvores são Negras*. Ao longo das suas obras a autora misturava uma escrita realista e ficcional. Licenciou-se em Ciências Históricas e Filosóficas, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Após a licenciatura trabalhou no Instituto Nacional de Investigação Industrial, onde escreveu o trabalho Adaptação do Trabalhador Rural, e ainda foi Conselheira Cultural para os Assuntos do Ensino na Embaixada portuguesa em Paris. Maria Isabel Barreno conta com 24 títulos lançados.

A **luta feminista** desta autora ficou, sobretudo, marcada pela feitura das *Novas Cartas Portuguesas*, em colaboração com Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta. Obra esta que expôs a realidade da **mulher na sociedade portuguesa** e a **ideologia** que se vivia perante o regime do Estado Novo. Neste livro foram denunciados acontecimentos como: a guerra colonial, a violência contra as mulheres, a discriminação, o estado político, a pobreza, entre outros igualmente relevantes. Esta obra rapidamente foi proibida pelo regime e deu azo ao “**Caso das Três Marias**”, sendo que este processo criminal gerou a nível nacional e internacional ondas de contestação e manifestações feministas em diversas embaixadas portuguesas, após a Revolução as três autoras foram absolvidas. Na visão da autora, estes acontecimentos foram decisivos para que a Constituição da República Portuguesa consagrasse a **Igualdade de Direitos entre géneros**. Ainda fundou, a 7 de maio de 1974, em conjunto com Maria Teresa Horta, o **Movimento de Libertação das Mulheres**, cujo propósito era lutar e reivindicar os Direitos das Mulheres.

Maria Isabel Barreno faleceu a 3 de setembro de 2016, mas deixa um **legado notável** a nível literário e na **luta contra a opressão e o machismo**, sendo uma **referência mundial** no movimento feminista.

DE PAREDES E FLORES

de palavras se adiam (palpam) dores
e de paredes se rodeiam flores

de flores se munem as palavras
que içam fogos
e de muros se alteiam
os lugares de amores

de dores se agasalham
palavras como flores
que não soltas vão
porque paredes ouvem

qual de nós de seiva (em sangue)
emparedadas flores.

20/05/1971

Maria Isabel Barreno



A LUTA CONTRA O COLONIALISMO:

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES



Com a revolução do 25 de abril, abriu-se espaço para que a descolonização, que se fazia com atraso relativamente a outras ex-colónias europeias, ocorresse. Apesar dos entraves colocados durante o período do Estado Novo, com o surgimento dos movimentos de libertação, os territórios sob domínio colonial Português exigiam a sua independência territorial.

De acordo com o Centro de Estudos Sociais, apesar de pouco falado, as mulheres tiveram um papel relevante nestes movimentos. Participaram em frentes de guerra com Destacamentos femininos, assim como, contribuíram de outras formas. Quando não se inseriam no Destacamento, transportavam materiais, produziam alimentos para os combatentes, atuavam como enfermeiras, entre outros papéis essenciais. Também Bárbara Isaacman e June Stephan identificaram iniciativas no âmbito rural, que se manifestaram importantes, tais como a propaganda do desprestígio do governo colonial perante a população. Apesar do seu enorme contributo, o papel das mulheres foi invisibilizado pelos próprios movimentos.

Maria Paula Menezes, coordenadora do projeto "BLEND - Desejo, Miscigenação e Violência: O presente o passado da Guerra Colonial Portuguesa", do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, relembra que em casos como Moçambique, aquando do início dos destacamentos femininos, pelo facto do papel da luta armada estar reservado aos homens, estas integravam os campos de treino com nomes masculinos. Aliás, existem registos de mulheres camponesas que solicitaram treino militar com o intuito de defender as populações. Atualmente, podemos mencionar nomes de mulheres tais como o de Josina Machel, uma revolucionária anti-colonial, que morreu em 1971, durante a Luta Armada, em Moçambique.

Ao longo das entrevistas que Maria Paula Menezes foi realizando, apercebeu-se que grande parte das mulheres que fizeram parte da luta pela libertação, “desdramatizam” episódios que são assombrosos (situações perigosas de guerra que enfrentavam mesmo estando grávidas, por exemplo). A justificação para a sua participação nos processos revolucionários reconduz-nos à opressão que as mulheres sentiam durante o período colonial. Para além da exploração no trabalho, algumas mulheres ainda relataram as explorações sexuais que incluíam violações (aliás, por vezes, quando casadas, eram abusadas à frente dos seus maridos).

O caminho destas mulheres não era de todo facilitado, se por um lado tinham de provar que eram tão capazes como os homens, também lutavam contra o colonialismo. É importante que não deixemos de lado os nomes que foram invisibilizados, e cujos feitos não são devidamente reconhecidos. A luta pela liberdade não deve ser narrada somente no masculino.

Bibliografia:


<https://www.dn.pt/lusa/papel-da-mulher-nas-lutas-de-libertacao-foi-silenciado-pelos-proprios-movimentos-10931418.html>

SANTANA, Jacimara Souza. A Participação das Mulheres na Luta de Libertação Nacional de Moçambique em Notícias. *Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, [s. l.], p. 67-87, 4 dez. 2009.


RECOMENDAÇÕES



Para ouvir

 *Somos livres* - Ermelinda Duarte




 *Que parva que eu sou* - Deolinda



 *Desfolhada* - Simone de Oliveira





 *Companheiro Vasco* - Maria do Amparo e Carlos Alberto Moniz




Para ver (séries)

3 Mulheres (RTP PLAY) 

Mulheres de Abril (RTP PLAY) 

Mulheres na Resistência (RTP PLAY) 

Pide Leninha (RTP PLAY) 










RECOMENDAÇÕES

Para ver (filmes)

- ➔ *Novíssimas cartas portuguesas* (2022)
- ➔ *O que podem as palavras* (2022)
- ➔ *Insubmissa* (2021)



Para ler

- Gente Comum, Uma história na PIDE* - Aurora Rodrigues 
- Elas estiveram nas prisões do fascismo* - URAP 
- As Novas Cartas Portuguesas* 
- Capitãs de Abril* - Ana Sofia Fonseca 
- As Mulheres do Meu País* - Maria Lamas 



MULHERES DE ABRIL

REVISTA – 1ª EDIÇÃO

Equipa:

Coordenação:

*Dejanira Vidal
Joana Martins
Raquel Oliveira*

Conteúdo:

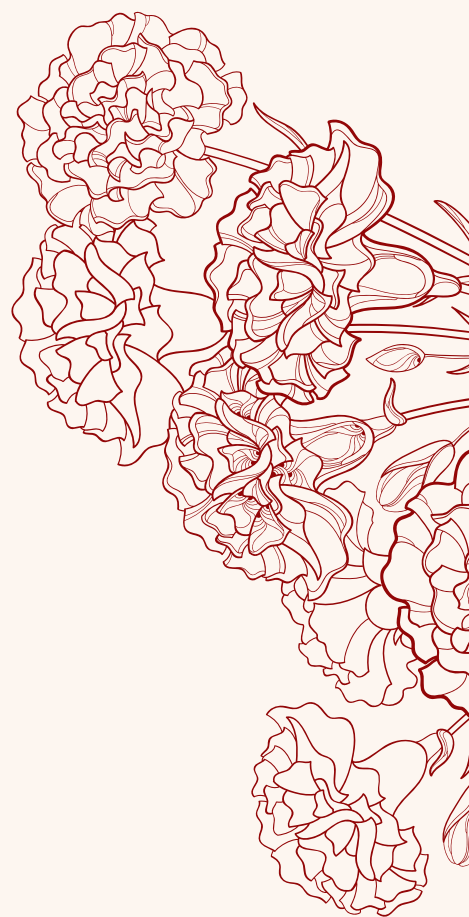
*Dejanira Vidal
Franciscas Syder
Joana Martins
Laura Esteves
Matilde Lima
Raquel Oliveira*

Convidadas:

*Dra. Aurora Rodrigues
Dra. Madalena Marques dos Santos*

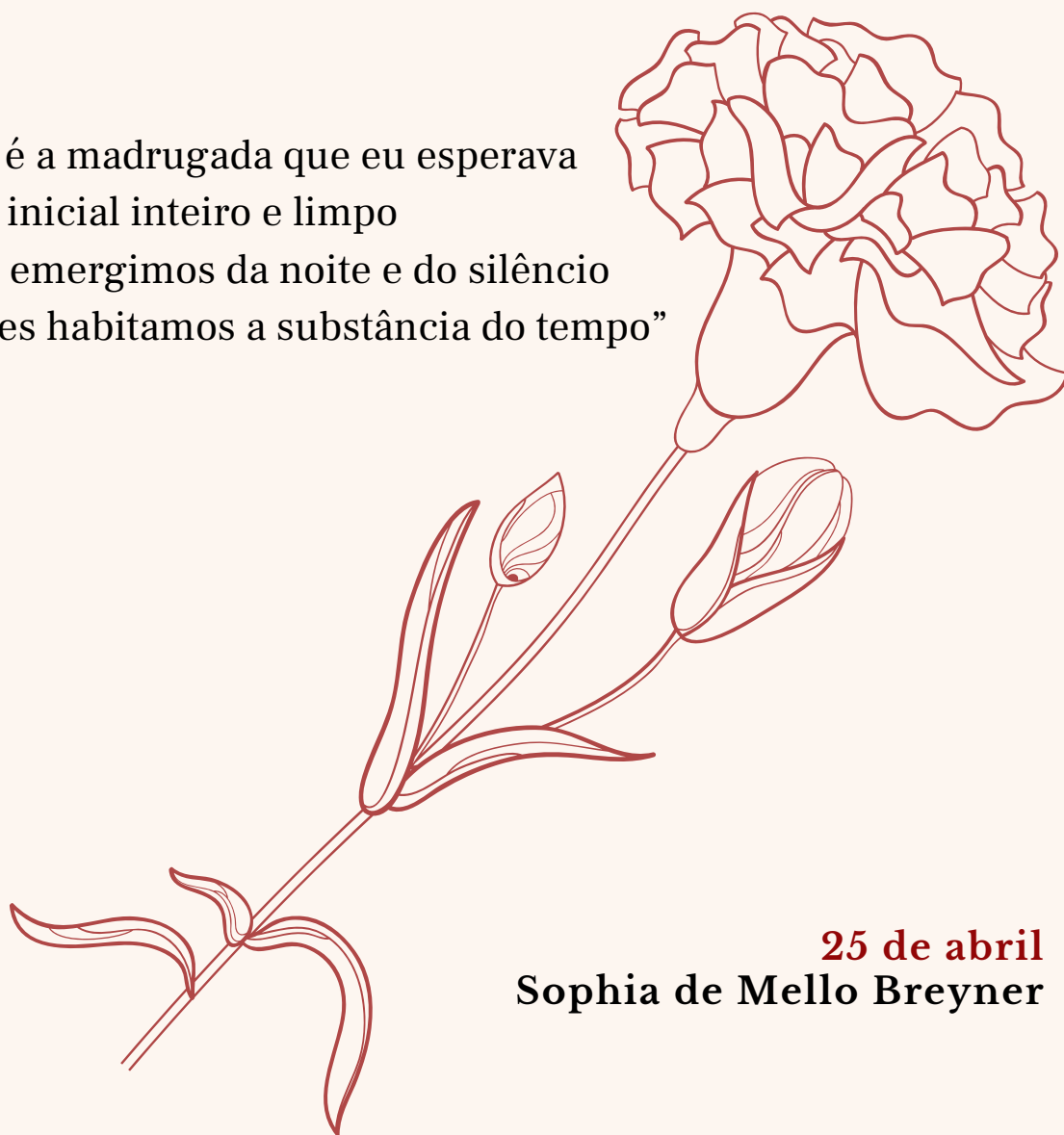
Gráfica:

Raquel Oliveira



MULHERES DE ABRIL

“Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo”



25 de abril
Sophia de Mello Breyner

